

# Mais de 100 famílias invadem reserva ecológica

A maioria dos barracos está desocupada mas técnicos não têm planos de demolir

Rita Diascanio

Somente nos dois primeiros meses deste ano, mais de 100 barracos foram construídos nos mangues e em torno da Estação Ecológica do Lameirão, na região da Grande São Pedro, em Vitória. As áreas foram determinadas como sendo de preservação permanente por legislações federal, estadual e municipal. Mas, a fiscalização da Prefeitura Municipal de Vitória, sem equipamentos (barcos, salva-vidas) e com apenas nove fiscais não tem conseguido conter o processo de ocupação e degradação dos mangues, conforme admite a bióloga Ivani Zecchinelli, da Secretaria Municipal de Meio Ambiente (Semam).

Segundo a bióloga, grande parte dos invasores ocupam o mangue não com o intuito de morar ali, mas de ganhar dinheiro com a venda de lotes após a urbanização futura da área — constroem os barracos à noite ou nos finais de semana, quando não existe a presença dos fiscais. “Eles constroem barracos rapidamente. Da noite para o dia surgem novos ocupantes”, afirmou Ivani Zecchinelli, comentando que o prefeito Vitor Buaiz pretende trabalhar no sentido de evitar a ocupação e não de destruir barracos.



Na região da Estação Ecológica do Lameirão, em São Pedro, desmatamentos são feitos e os barracos surgem rapidamente a cada final de semana



## Desocupados

Duas vezes por semana a bióloga percorre a área do manguezal observando a existência ou não de novos moradores, com o único barco que a Semam possui. Dos 100 barracos fincados este ano no mangue, garante ela, grande parte está desocupada, com ninguém morando. "Se a prefeitura optasse por demolir os barracos encontraria muitas dificuldades. Os moradores são coesos e não permitem que se toque nos barracos desocupados", contou Ivani Zecchinelli.

A união dos invasores, avalia a técnica da Semam, ocorre porque eles pensam que "quanto mais barraco no mangue mais complicado fica a situação da PMV para retirá-los dali". Muitos especuladores, que Ivani chama de "invasores profissionais" buscam pessoas no interior do Estado para morarem temporariamente em seus barracos. "Dependendo de sua localização e se está em área aterrada ou não, os lotes valem de NCz\$ 50,00 a NCz\$ 300,00 atualmente", disse a bióloga.

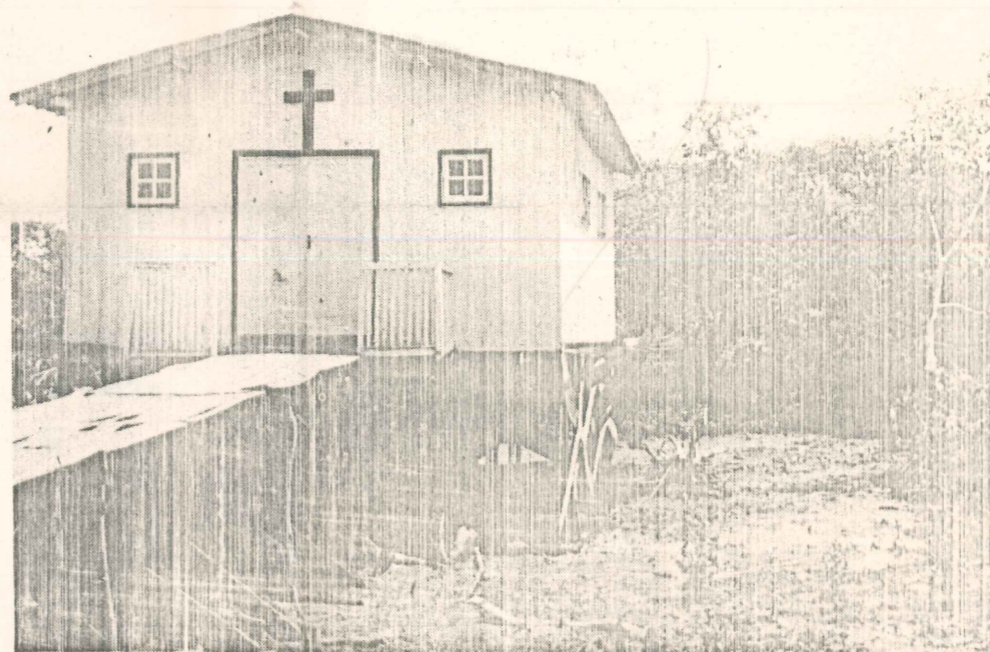
Entre uma das ocupantes mais recentes do mangue, no bairro de Resistência, está Rosilene Ferreira dos Santos, doméstica, 31 anos, natural do Rio de Janeiro, em Vitória desde 1979 e após morar no bairro Cruzeiro do Sul, em Cariacica, há três meses mudou-se para o mangue. "Compramos o lote aqui de um irmão de meu marido e estamos construindo devagarinho", afirmou Rosilene. O barraco, com aproximadamente sete metros quadrados — não possui ainda telhado e tem alguns plásticos improvisados para evitar o sol — que ela ainda está pagando, custou NCz\$ 60,00.

De acordo com Rosilene dos Santos o marido, Luiz Cláudio Nunes de Oliveira tem a profissão de cavuqueiro mas desde que chegou no mangue tem sustentado a ela e cinco filhos com a coleta de caranguejo. Diariamente ele fatura uma média de NCz\$ 15,00 a NCz\$ 200, com a venda de caranguejo. Temerosa em dar entrevista, a doméstica pediu para que qualquer informação a reportagem de A GAZETA procurasse o líder da comunidade, chamado Oswaldo. Rosilene disse que o cunhado que vendeu o lote para ela não possui outras áreas no mangue.

A doméstica não acredita que a PMV venha retirar sua família do mangue. "Até quando eu comprei, aqui podia construir barraco. A comunidade disse que hoje não pode mais", disse Rosilene dos Santos, queixando-se do alto custo de vida que não lhe permitiu ainda terminar a construção do barraco. Para construir as pinguelas e fazer os pilotis dos barracos, segundo a bióloga da Semam, os ocupantes retiram madeira do próprio mangue, que não apoderecem, acelerando ainda mais a destruição do ecossistema. Em vários trechos do manguezal existem clareiras — vazios entre uma árvore e outra.



Sebastião pesca na ilha do Lameirão



Dentro da área próxima à Estação Biológica de Lameirão, foi construída uma igreja



Rosilene mora em área invadida na ilha

## PMV vai urbanizar área ocupada

A Prefeitura Municipal de Vitória negociará com a comunidade da região do São Pedro apoio para frear a ocupação dos mangues. Segundo a bióloga da Secretaria Municipal de Meio Ambiente (Semam), Ivani Zecchinelli, o prefeito Vítor Buaziz pretende formalizar um acordo com a comunidade em troca do apoio para não se permitir novos moradores no mangue, e garantir a preservação das áreas recuperáveis e intactas. A PMV urbanizará as áreas que não têm mais condições de ser recuperadas. "Queremos que nem mesmo as áreas desmatadas sejam invadidas, porque elas podem ser recuperadas", disse a bióloga.

Na última sexta-feira pela manhã, técnicos das secretarias municipais de Meio Ambiente, Planejamento, Obras e Serviços Urbanos visitaram o mangue para avaliar o que é região irrecuperável e pode ser urbanizada, e que tem que ser preservada. Na próxima semana a PMV, de acordo com Ivani Zecchinelli já deve estar efetuando a demarcação do mangue. Serão colocadas toras de concreto para fazer a marcação. "O que for definido como reserva é reserva e não poderá ser tocado", ressaltou a bióloga, chamando a atenção para o trabalho de educação ambiental que a prefeitura realizará no local.

### Estação

A Estação Ecológica do Lameirão, com uma área de aproximadamente 8 milhões e 400 mil metros quadrados e de rica fauna e flora, segundo a bióloga da Semam, "precisa deixar de existir apenas no papel". Como grande parte dos inva-

sos vem do interior do Estado, Sul da Bahia e Noroeste de Minas Gerais, os mangues para eles não representam nada. Por isso a PMV quer o mais urgente possível dar uma destinação social à área", afirmou Ivani Zecchinelli.

Entre as atividades a serem desenvolvidas ali, está a criação de viveiros de caranguejo, ostra, camarão e sururu, que funcionará como oferta de emprego para os moradores da região e principalmente para os pescadores da Ilha das Caieiras que vivem da exploração de mariscos. Um outro projeto a ser implantado na Estação Ecológica do Lameirão é um centro de pesquisas, já que o local quando foi decretado de preservação permanente, permitia apenas a ocupação para fins científicos.

Na terça-feira passada, a PMV chegou a realizar a primeira reunião com lideranças comunitárias de São Pedro, onde se iniciou a discussão dos planos de urbanização da área. Conforme Ivani Zecchinelli, os invasores que estiverem em trechos onde é possível fazer a recuperação do mangue serão remanejados para outros locais, dentro do próprio mangue, mas onde a degradação atingiu níveis irreversíveis.

### Corrida

A bióloga da Semam, que atua nos mangues de Vitória desde 1986 quando da criação da secretaria, disse que sempre que se cogita em remanejamento e a urbanização existe uma corrida para ocupação do mangue. As discussões, ressaltou ela, estão apenas iniciando e a execução de obras e projetos dependerão de

recursos extracofres municipais. A construção do Centro de Pesquisa e dos viveiros na Estação Ecológica do Lameirão está orçada em 600 mil dólares.

O prefeito Vítor Buaziz encaminhou para organizações bancárias da Europa os custos do projeto que envolve ainda recurso para a compra de embarcações e implantação de uma fiscalização eficiente. O cadastramento dos moradores do mangue será iniciado, segundo a bióloga da Semam, antes de se completar os 100 dias de governo de Vítor Buaziz, pois este serviço integra a lista das prioridades a ser encaminhada neste período.

"O cadastramento vai definir quem tem necessidade de morar ali e quem está especulando", disse Ivani Zecchinelli, comentando que os fiscais constantemente sofrem ameaças de morte e de espancamentos pelos especuladores. Pessoalmente a bióloga defende que as pessoas que possuem mais de um lote no mangue coloquem o restante à disposição da comunidade. O assunto ainda não foi definido pela administração do PT.

Ivani Zecchinelli ressaltou que não faz sentido desmatar e destruir todo um ecossistema como o mangue em função de especuladores. No ano passado, lembrou a bióloga da Semam, a PMV promoveu a demolição de 12 barracos desocupados na região de Santo André o que gerou muita insatisfação no local. Por isso o prefeito Vítor Buaziz se empenhará em conseguir o apoio da comunidade. "As lideranças comunitárias no mangue têm grande influência a ponto de não permitirem que haja mais invasão", confessou Ivani Zecchinelli.

## Maioria vive da venda de marisco

Dezenas de pessoas, entre mulheres e homens, adolescentes e idosos sobrevivem com o dinheiro da venda de marisco do manguezal da região de São Pedro. A Prefeitura Municipal de Vitória, segundo a bióloga da Secretaria Municipal de Meio Ambiente (Semam), Ivani Zecchinelli, não possui um cadastramento da população que tem no mangue sua fonte de rendimento e sustento. Sebastião Antônio de Freitas, 55 anos, diz ser um dos pescadores mais antigos da região.

"Conheço o mangue como a palma da minha mão", afirmou Sebastião de Freitas, comentando que diariamente ganha NCz\$ 20,00 com a venda de caranguejo. O pescador, que também trabalha como feirante no bairro de Gurigica, disse não ter preocupação com a destruição do mangue, "que é muito grande". Já o menor Édson Wagner da Silva Pereira, 16 anos, residente no bairro Estrelinha, próximo ao mangue, apanha sururu em sociedade com o irmão, Gilmar da Silva Pereira, 15 anos.

### Horas

Para catar o equivalente a dez pratos de sururu, que lhes rende por dia uma média de NCz\$ 15,00, os irmãos não gastam mais do que duas horas. Caso a longo prazo o mangue deixe de ser um meio de sustento para eles, Édson e Gilmar confessam que procurarão emprego em oficinas de carros, onde o pai já chegou a trabalhar.

O dinheiro que ganham com a venda de sururu é entregue à mãe para ajudar nas despesas do lar, garantem os meninos.